

## O papel das *affordances* na modificação adjetival privativa pela abordagem cognitivista

### The role of affordances in privative adjectival modification by the cognitive approach

Dedilene Alves de Jesus\*

Maria Lúcia Leitão de Almeida\*\*

**RESUMO:** O artigo tem como objetivo apresentar o papel das *affordances* na modificação adjetival privativa a partir da análise do processo de integração conceptual (FAUCONNIER E TURNER, 2002). Compreendemos como *affordances*, em termos gerais, as propriedades invariantes do ambiente oferecidas a uma espécie, aquilo que é provido ou fornecido a essa espécie em seu ambiente (GIBSON, 1979); não descartamos a perspectiva dada por Sweetser (1999), quando afirma que as *affordances* cognitivas seriam suportes que dariam condições para uma interpretação não-literal de uma construção nominal modificada. Consideramos como modificação adjetival privativa o tipo de construção em que há um predicador e um elemento modificado intensionalmente, em uma relação de propriedades para propriedades (KAMP, 1975), como em 'loura falsa', 'suposto amigo', 'mãe postiça' e construções 'de + N'. Nessa relação, o modificador faz com que as propriedades do item modificado sejam negadas ou questionadas (formação de paráfrases do tipo 'o que não é N', 'o que pode ou não ser N', 'o que já foi N'/'o que não é mais N'). Dessa forma, faremos uso das conceituações mais atualizadas de *affordance* no campo das ciências cognitivas, observando seu papel no esquema de mesclagem conceptual de algumas construções nominais modificadas.

**ABSTRACT:** The article aims to present the role of affordances in privative adjectival modification from the analysis of conceptual integration (FAUCONNIER and TURNER, 2002). Affordances are understood, in general terms, as environmental invariant properties available to a species in its environment (GIBSON, 1979); we do not exclude Sweetser's claims (1999) that cognitive affordances would provide those give conditions for a non-literal interpretation of a modified nominal construction. We consider privative adjectival modification as a type of construction in which there is a preacher and an intensionally modified element, in a relationship of properties to properties (KAMP, 1975), as in 'false blond', 'supposed friend', 'surrogate mother' and 'de+N' constructions. In this relation, the modifier makes the properties of the modified item to be suspended or questioned (paraphrases of the type 'which is not N', 'which may or may not be N', 'which is no longer N'). Thus, we will make use of the most current concepts of affordances in the field of Cognitive Sciences, noting their role in the conceptual blending scheme of some modified nominal constructions.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Affordances*. Mesclagem conceptual. Adjetivo privativo.

**KEYWORDS:** *Affordances*. Conceptual blending. Privative adjective.

\* Doutoranda em Língua Portuguesa – Departamento de Letras Vernáculas – UFRJ/CAPES.

\*\* Professora Associada do Departamento de Letras Vernáculas – UFRJ/CNPq.

## 1. Introdução

A modificação adjetival privativa é bastante estudada por linguistas cognitivistas (SWEETSER, 1999; COULSON, 2001; COULSON E FAUCONNIER, 1999), mas não tem encontrado espaço nos estudos do PB. A referência específica a adjetivos privativos ocorre em estudo de Pria (2008) acerca do adjetivo ‘falso’; temos também estudos descritivos falando sobre questões intensionais<sup>1</sup> na modificação adjetival (BORGES NETO, 1985; MENUZZI, 1992; ILARI, 1993; CASTILHO, 2010). Ainda assim, não há estudos que apresentem um perfil desse tipo de modificação adjetival.

Os estudos cognitivistas apontam a mesclagem conceptual como a melhor análise para os casos de construções modificadas adjetivas de caráter privativo (*likely candidate*, *child-safe*, *land yacht*, *fake gun*, *stone lion*), no lugar da análise formalista por traços (FRANKS, 1995). Tal análise tem se realizado de forma exaustiva em língua inglesa, mas não temos essas análises em língua portuguesa.

O objetivo deste artigo é apresentar uma proposta de análise a partir da teoria da mesclagem conceptual, com ênfase no papel das *affordances*, consideradas por nós fundamentais para o processo de negação/alteração das propriedades intensionais do escopo. Para tanto, trabalhamos com quatro tipos de construção (*revólver de mentira*, *loura falsa*, *mãe postiça e suposto amigo*), em seus contextos discursivos (no caso, textos retirados da internet).

## 2. A modificação adjetival privativa

A modificação adjetival implica um tipo de predicação. O termo predicação pode ser entendido como a operação exercida por um modificador sobre um outro elemento, transferindo a ele propriedades semânticas que antes não lhe eram disponíveis, fazendo com que tais elementos se constituam em um conteúdo proposicional (um fato). Nesse processo, podem ocorrer um desses tipos de transferência para o elemento modificado: a que afeta a intensão, a que afeta a extensão e a que afeta a modalidade. Em outros termos, temos um predicador e um argumento envolvidos nessa operação, que deve ser vista como

---

<sup>1</sup> Estamos considerando aqui a intensionalidade em oposição à extensionalidade, entendendo o primeiro termo como a propriedade dos adjetivos que apontam para objetos fisicamente inexistentes, ou seja, que predicam das propriedades expressas pelo nome-núcleo, e o segundo termo como a propriedade dos adjetivos que predicam dos objetos denotados pelo nome-núcleo (NEGRÃO et al, 2002). Essa relação opositiva é relacionada à estabelecida por Borges Neto (1985) na dicotomia adjetivos categoremáticos e sincategoremáticos.

um movimento ocorrente em nível de elementos de um sintagma, de uma sentença e até de um texto.

Assim, os elementos presentes em uma predicação adjetiva são geralmente denominados modificador/operador/predicador (adjetivo) e nome/escopo (substantivo). Segundo Castilho (2010), o escopo é o termo sobre o qual age um operador; seria um 'alvo' para o qual o predicador se movimenta, na intenção de gerar modificação em seus traços inerentes. O escopo, na relação predicatora adjetiva, geralmente é uma classe de nomes que se liga ao mundo dos objetos, pessoas e coisas. Nessa relação, o predicador opera sobre essa classe-escopo de formas distintas, através de processos de qualificação, quantificação, modalização, localização e focalização (homem *bom*, saída *habitual*, raciocínio *certo*, *presente* momento, vida *particular*), dentre outros.

Franks (1995), dentro da perspectiva das ciências cognitivas, trata a modificação adjetival como um tipo de combinação conceptual, a partir da própria noção de conceito (que perfila a representação, a classificação e a linguagem). Para ele, em expressões como *stone lion* temos um conceito implicitamente vinculado, que atua porque há atributos *default* de *lion* que propiciam uma instanciação dentro da cena comunicativa, dando suporte à especificação de sentido: *lion* pode se referir a um animal, a uma estátua, a um brinquedo, etc., dependendo do contexto em que tal uso ocorre.

A questão da modificação adjetival é tratada, na visão da Linguística Cognitiva (SWEETSER, 1999; COULSON, 2001), através dos mecanismos de composicionalidade linguística em construções A+N modificadas, a partir da teoria de mescla de espaços mentais (FAUCONNIER E TURNER, 2002), uma vez que a análise simplificada de interseção nas relações de nomes com modificadores adjetivais não é considerada suficiente para explicar tal fenômeno.

### 3. O adjetivo privativo

Nas classificações mais gerais a respeito dos adjetivos não-predicativos, existem estudos a respeito de adjetivos que funcionariam como privativos. O comportamento privativo é reconhecido como uma função de um tipo restrito de adjetivos. Pria (2008) apresenta o seguinte quadro comparativo da classificação semântica dos adjetivos nos estudos formais:

Quadro 1. Classificação semântica dos adjetivos (PRIA, 2008, p.25)

<b>autores</b>	<b>Kamp (1975)</b>	<b>Chierchia e McConnell-Ginet (1990)</b>	<b>Kamp e Partee (1995)</b>	<b>Partee (2001)</b>
<b>Classificações</b>	predicativos	intersectivos	intersectivos	intersectivos
	afirmativos	subsectivos	subsectivos	subsectivos
	privativos	não-predicativos	não-subsectivos	não-subsectivos

Nesse quadro, percebemos que a nomenclatura para o adjetivo privativo é diferenciada devido às especificidades observadas por cada estudioso. Kamp (1975) destaca o aspecto singular do privativo, a ponto de não ser representado por esquemas em seu trabalho; Chierchia e McConnell-Ginet (1990) também destacam a ausência de função predicativa nesse adjetivo; Kamp e Partee (1995) e Partee (2001) consideram a classe dos não-subsectivos como composta pelos não-subsectivos planos (alegado, predito) e os não-subsectivos ou privativos (fictício, imaginário), nos quais insere também elementos morfológicos, como os prefixos negativos pseudo-, ex- e não-.

Vamos nos ater à proposta de Kamp (1975), precursora de todas as outras. Para ele, os adjetivos privativos são compreendidos como funções de propriedades para propriedades, ou seja, são funções que se aplicam a nomes, no intuito de gerar alterações nos traços essenciais do nome a que se referem; essas funções diferem de acordo com o tipo de adjetivo (PRIA, 2008). Essa categoria de adjetivo caracteriza-se pela modificação que causa no significado do substantivo – ‘revólver falso’ não é um revólver de verdade, isto é, o adjetivo ‘falso’ muda a propriedade do substantivo ‘revólver’, que se diferencia, dependendo do contexto.

Kamp (1975) estabeleceu o seguinte postulado para esse tipo de adjetivo: Para cada propriedade  $P$  e cada  $w \in W$ ,  $F(P)(w) \cap P(w) = \emptyset$ . Lê-se: “para cada propriedade  $P$  e para cada  $w$  (“mundo possível”)  $\in$  (“pertencente a”)  $W$  (“o conjunto não vazio de todos os mundos possíveis”),  $F(P)(w)$  (“o significado  $F$  na propriedade  $P$  e no mundo possível  $w$ )”  $\cap$  (“interseccionada com”)  $P(w)$  (“a propriedade  $P$  no mundo possível  $w$ )”  $= \emptyset$  (“é um conjunto vazio”)”. Isso quer dizer que o adjetivo privativo transforma a condição de verdade do sintagma nominal, fazendo com que algumas informações do escopo sejam

negadas (revólver falso não é um revólver em todas as suas propriedades essenciais, mas um objeto semelhante em algum aspecto a ele).

#### 4. Breve estudo sobre o conceito de *affordance*

O termo *affordance* foi cunhado por Gibson (1979), na abordagem ecológica sobre a percepção visual, como um neologismo para o verbo *to afford* (oferecer, dispor, proporcionar). As *affordances* seriam propriedades invariantes do ambiente oferecidas a uma espécie, o que é provido ou fornecido a essa espécie em seu ambiente, sendo tanto benéfico quanto prejudicial. Assim, a superfície terrestre possui propriedades que proveem aos animais formas de se fazer uso dela: é horizontal, rígida, tem uma extensão e suporta peso; ela é ‘pisável’ e ‘corrível’. Essas propriedades não são abstratas e atendem às necessidades do animal.

A visão gibsoniana é de cunho interacionista, que afirma a importância da constante interação dos seres humanos com seus ambientes. A primeira restrição feita por Lakoff (1987) à teoria diz respeito ao campo de análise, uma vez que Gibson vincula sua pesquisa à percepção e não à cognição propriamente dita. Lakoff também aponta como estranha às teorias voltadas para a cognição a distinção entre realidade física e ambiente; para Gibson, a realidade física é considerada independente de todos os seres animados, ou seja, o ambiente seria definido em relação à forma como os seres interagem nele. A leitura lakoffiana sobre *affordances* é de que seriam oportunidades de interação proporcionadas pelo ambiente. Apesar dessas divergências, Lakoff observa uma convergência de sua teoria com as ideias gibsonianas sobre a corporificação da língua e a questão das propriedades interacionais.

O termo *affordance* obteve ampla divulgação também nos estudos de teorias da aprendizagem (TOMASELLO, 2003; MENEZES, 2011), além do campo de *design* visual (NORMAN, 1988; GORNIK, 2005), que difundiu o termo ‘*affordance* percebida’, muito utilizado na linguagem da computação.

Ao se referir especificamente às construções com *fake*, *safe* e *intellectual*, Sweetser (1999) admite que leituras metafóricas não são suficientes para definir os tipos de processamento prévio quando se rejeita um sentido literal. A autora afirma que a interação entre os espaços de *frame* estruturado, os mapeamentos inter-espaciais e o fenômeno de zonas ativas cria interpretações variadas para essas construções. Para resolver tal impasse, a linguista aponta para a descoberta de *affordances* cognitivas, que

teriam a função de conectar aspectos ou estrutura cognitiva a outro item, principalmente quando é manifestado um material com estrutura coerente acessada pelo falante. Isso representa afirmar que as *affordances* cognitivas seriam suportes que dariam condições para uma interpretação não-literal de uma construção nominal modificada. Apesar dessa apresentação a respeito das *affordances* cognitivas, a autora não se dedica a mostrar o uso delas em sua análise.

A concepção que aponta para uma abordagem mais linguística da *affordance* aparece nos estudos de Attardo (2005). O linguista atrela o conceito de *affordance* ao de *frames* semânticos, no estudo da fronteira semântica/pragmática. Nessa perspectiva, as *affordances* restringiriam ou guiariam a expansão de sentidos lexicais no processamento de sentenças, não sendo limitadas ao aspecto visual da realidade.

A chamada ‘teoria linguística da *affordance*’, termo cunhado por Attardo, seria guiada pelos seguintes pressupostos:

- a) Palavras ativam *affordances*
- b) A visão socioconstrutivista da *affordance* é possível
- c) Há uma definição intensional de *affordance*, nos termos de crenças e sistemas de crenças (contrariando a visão referencial, que não se ampara na cultura)
- d) A análise sintática é afetada por *affordances*
- e) *Affordance* seria um subesquema de cada *frame*, que enfatiza *slots* de objetos, agentes ou instrumentos.
- f) *Affordances* não são fixas, mas determinadas pelo contexto. Assim, no *frame* básico para MÉDICO, a saliência ocorre em CAPACIDADE PARA CURAR e não em SER HUMANO. Para CAVALO, no contexto de competição, a *affordance* seria CORRER, enquanto no contexto de açougue (em algumas culturas) seria COMER.

Para a análise realizada neste artigo, consideramos válidos os pressupostos acima, além das observações apresentadas por Duque (2013) a respeito da integração de *affordances* e restrições gramaticais na compreensão de uma sentença. Para demonstrar como a percepção de determinada *affordance* comprova a corporificação de uma estrutura conceptual, o autor cita a construção ‘boi voador’ (retirada dos versos de Chico Buarque e Ruy Guerra): a imagem mental construída pode ser de um boi com asas ou um boi com capa. Essa imagem é resultado de um processo de integração conceptual, em que a *affordance* percebida para a mesclagem está ligada ao voo (asa/capa). Corroboramos também com a crítica à teoria inicial de Gibson:

“(…) ao desconsiderar o conhecimento prévio e as expectativas do ator, Gibson contempla apenas as capacidades motoras do ator e não as capacidades perceptivas e mentais. Vale enfatizar que, ao contrário disso, acreditamos que as informações que especificam o *affordance* dependem das experiências do indivíduo e da cultura em que está inserido.” (DUQUE, 2013, p. 482)

A partir dos pressupostos arrolados, correlacionando-os à análise via mesclagem conceptual, estabelecemos as *affordances* como propriedades inerentes a um ser/objeto que se tornam visíveis quando observamos os elementos dos *inputs*. Sua presença é percebida exatamente porque no caso dos adjetivos privativos existe uma propriedade negada ou questionada, o que nos faz focalizar essa propriedade. A *affordance* está geralmente englobada no ‘ser objeto’/‘ser algo’, ou seja, nas propriedades mais essenciais, definidas nos processos de categorização<sup>2</sup>. Então, estamos lidando com categorias básicas nesse processo de mesclagem, que vão se tornando complexas à medida que analisamos os detalhes de sua interpretação nos processos de modificação adjetival privativa.

## 5. Conceito de mesclagem conceptual

A mesclagem conceptual é considerada uma poderosa ferramenta de análise de situações linguísticas e não-linguísticas (FAUCONNIER E TURNER, 2006), sendo utilizada nos estudos cognitivistas para demonstrar o processo de integração conceptual de variadas construções que apresentem relações de referenciação. Evans (2007) esclarece que a mesclagem conceptual deriva de duas abordagens na semântica cognitiva: a teoria da metáfora conceptual e a teoria dos espaços mentais. A mesclagem conceptual é uma operação cognitiva básica para a compreensão do modo como pensamos, sendo considerada a chave para o desenvolvimento de comportamentos humanos que dependem de habilidades simbólicas complexas.

O esquema da mesclagem conceptual, segundo Fauconnier (1997), é elaborado de acordo com os procedimentos abaixo:

---

<sup>2</sup> Compreendemos categorização como “uma forma natural de identificar um tipo de objeto ou de experiência iluminando certas propriedades, atenuando e até escondendo outras. Cada uma das dimensões indica as propriedades que são iluminadas. Ao focarmos um conjunto de propriedades, desviamos nossa atenção das outras” (LAKOFF E JOHNSON, 2002, p. 266).

a) **Projeção interdomínios** – entidades do domínio-fonte projetam-se em contrapartes no domínio-alvo.

b) **Esquema genérico** – espaço compartilhado pelo domínio-fonte e pelo domínio-alvo; seria a interseção entre os dois domínios.

c) **Mescla** – os domínios são projetados em um quarto espaço, levando os elementos que são contrapartes ou não; as entidades podem, nesse espaço, aparecerem como um só elemento ou serem projetadas separadamente.

d) **Estrutura emergente** – é própria da mescla, sendo formada pela contribuição dos domínios. Pode ser construída de três formas:

- por composição – as relações disponíveis não precisam existir no domínio-fonte ou no domínio-alvo;

- por completamento (complementação) – MCIs<sup>3</sup> e conhecimentos compartilhados de molduras comunicativas podem ser passados dos domínios para o espaço da mescla ou, através da composição, nascem novas relações;

- por elaboração – ‘criação’ cognitiva dentro do próprio espaço da mescla, ocasionada pela nova lógica instaurada.

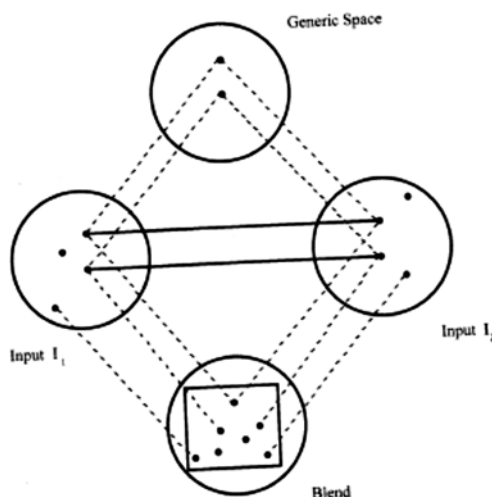


Figura 1. Esquema de mesclagem conceitual (FAUCONNIER E TURNER, 2002)

<sup>3</sup> Modelos cognitivos idealizados, que nos termos de Lakoff (1987) seriam estruturas complexas do conhecimento, relativamente instáveis, que serviriam para embasar estruturas proposicionais, esquemas imagéticos, mapeamentos metafóricos e metonímicos. Para Jesus (2009, p. 30), MCI seria o “conhecimento sobre o domínio ou domínios da experiência que colabora na significação de uma categoria linguística; ele é interindividualmente partilhado pelos membros de um grupo social, tem limite indeterminado e está envolvido em qualquer ato de categorização, sendo imprescindível para formação do significado e pensamento de uma língua”.



A integração conceptual como processo pode ser percebida nesse diagrama básico, em que as linhas representam as projeções e mapeamentos conceptuais, relacionadas a vinculações e coativações neurais.

Enfatizamos que, conforme afirmam Fauconnier e Turner (2006), os diagramas envolvem somente uma parte dos espaços mentais; assim, um espaço-mescla pode ter múltiplos espaços de *input*.

Não poderíamos deixar de apresentar a noção de relações vitais, fundamental para a compreensão do funcionamento detalhado do processo de mesclagem conceptual. A noção de relações vitais é apresentada por Fauconnier e Turner (2002) como uma forma de mostrar o detalhamento de sistematizações nos diferentes tipos de redes integradas, ou seja, no processo de combinações conceptuais. Os autores consideram que muitos fenômenos linguísticos (categorização, metáfora, analogia, gramática, pensamento contrafactual, integração de evento, tipos diversos de aprendizagem e criação artística, dentre outros) são produtos de uma mesma operação imaginativa. Assim, necessitaríamos desses elementos para explicarmos suficientemente o que ocorre nos fenômenos linguísticos em que há integração conceptual.

A explicação por meio desses detalhes nos auxilia na investigação de meios pelos quais um modelo de rede se aplica em diferentes ‘nichos conceptuais’, através do desenvolvimento conceptual com propósitos diversos, em contextos variados, com diferentes *affordances* e pessoas envolvidas, também diferenciadas nas esperanças, crenças e desejos.

As relações vitais são observadas no processo de mesclagem conceptual de construções linguísticas, quando ocorrem as compressões; uma relação vital pode resultar da compressão de outras<sup>4</sup>. As relações categorizadas por Fauconnier e Turner são as seguintes: causa e efeito, tempo, espaço, identidade, mudança, singularidade, parte-todo, representação, papel-função, analogia, desanalogia, propriedade, similaridade, categoria, intencionalidade). Há tipos e subtipos de relações vitais, dependendo da natureza da construção linguística.

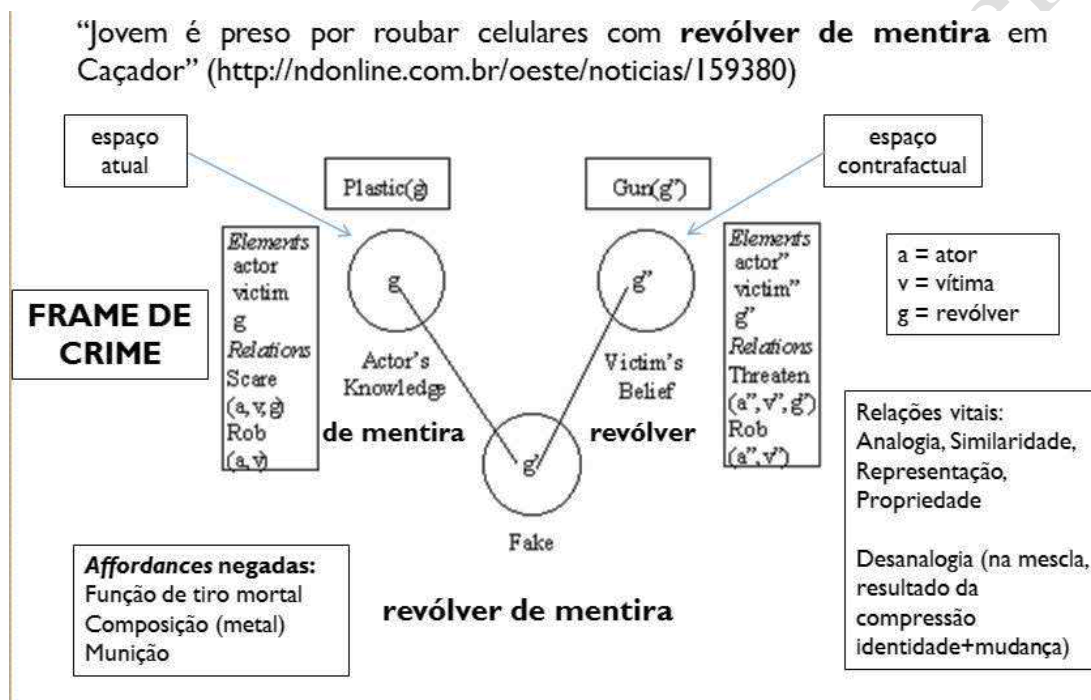
---

<sup>4</sup> Por compressão entendemos o processo que reforça a relação entre os *inputs* de espaços distintos no esquema de mesclagem conceptual, provocando uma fusão de sentidos evocados por domínios diferentes. O resultado de uma compressão aparece na estrutura emergente (espaço-mescla) da integração conceptual (EVANS, 2007).

## 6. Mesclagem conceptual em construções privativas

A partir da ferramenta de buscas Google, retiramos da internet alguns contextos discursivos com construções modificadas privativas, com o objetivo de apresentar o papel das *affordances* no processo de mesclagem conceptual decorrente desse tipo de modificação adjetiva. A seguir, apresentamos uma análise de cada construção<sup>5</sup>.

### a) ‘Revólver de mentira’

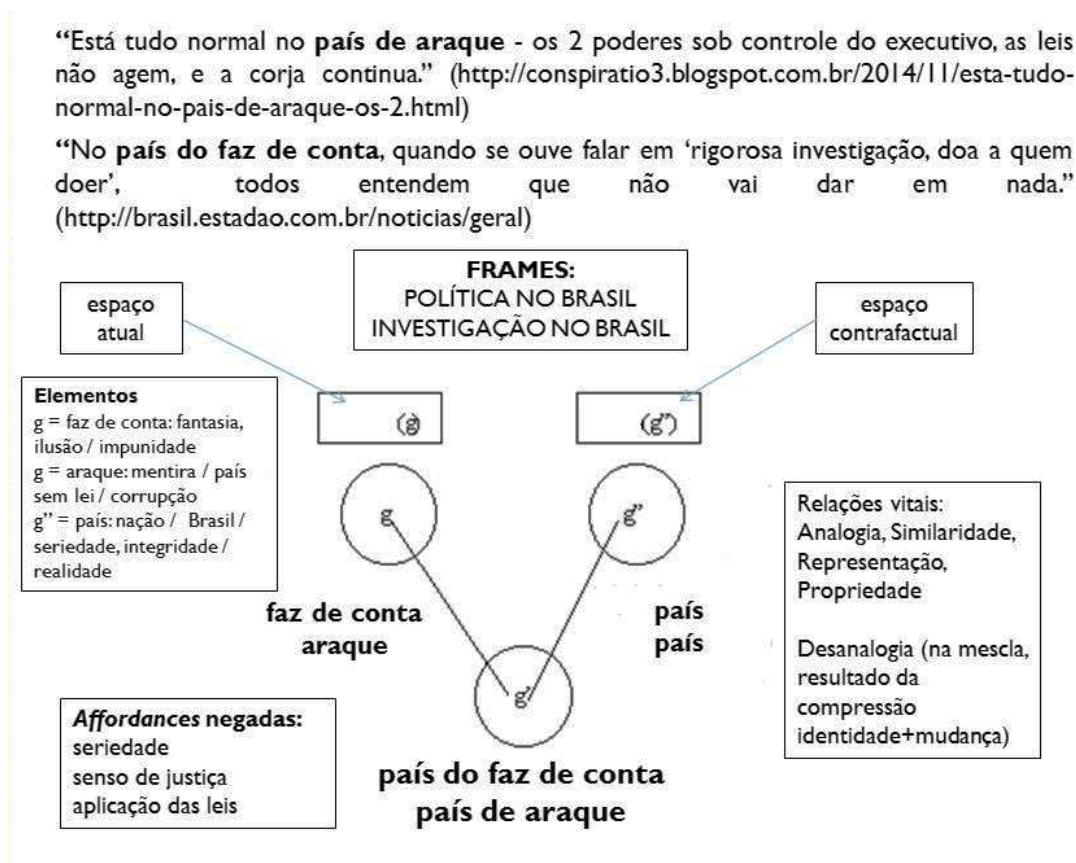


Observando o esquema de mesclagem, as contrapartes seriam revólver (no espaço de crenças da vítima) e não-revólver (no espaço do assaltante), gerando um espaço-mescla de engano. As relações envolvidas na compressão seriam de analogia e similaridade (por causa da semelhança do objeto), representação (formato) e propriedade (tipo de material), além da desanalogia gerada na mescla, confirmando o engano, pois na compressão identidade+mudança há o sentido de negação de algumas *affordances*: função de tiro mortal, composição do objeto e munição. Ou seja, o ‘revólver de mentira’ é um objeto parecido com um revólver de verdade, mas sem a função essencial de atirar, manifestada nas *affordances* citadas; por isso, tal objeto nega as propriedades de revólver.

<sup>5</sup> Salientamos que em nossa análise não apresentamos todos os elementos da mesclagem conceptual (espaço genérico, todos os *inputs*, por exemplo); enfocamos somente os elementos envolvidos na relação privativa que apresentam estruturas suficientes para explicarmos o papel das *affordances* nesse processo.

A negação das propriedades invariantes do objeto é fundamental para o estabelecimento de um *frame* de crime, em um contexto discursivo de notícia jornalística que aponta a intenção de enganar para cometer um delito.

### b) ‘País do faz de conta’ e ‘país de araque’

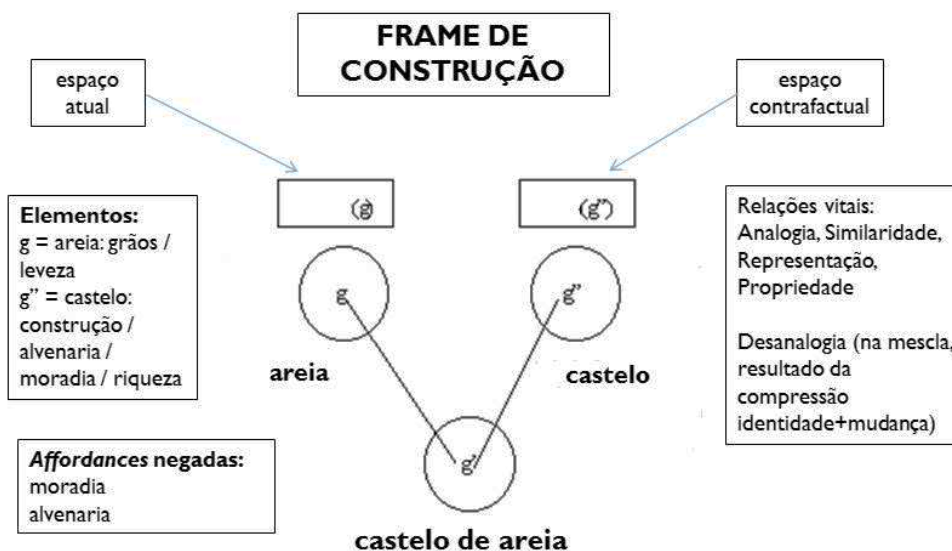


Nos dois casos, observamos uma similaridade no esquema de mesclagem conceptual, muito provavelmente gerada pela proximidade dos *frames*. Em ‘país do faz de conta’, temos as contrapartes país corrupto/país íntegro, em que as *affordances* negadas são ‘seriedade’, ‘senso de justiça’ e ‘aplicação das leis’; essas *affordances* também são negadas no caso de ‘país de araque’, em que temos as contrapartes país sem lei/país sério. Note-se que as *affordances* elencadas são embasadas no conceito que os brasileiros têm a respeito de ‘país’, no sentido de nação. O contexto nos auxilia na percepção dessas *affordances*, quando observamos sentenças opositivas pelo mecanismo da ironia (no primeiro caso, ‘está tudo normal’ tem sentido irônico em relação a ‘país de araque’), assim como a sentença ‘os 2 poderes sob controle do executivo, as leis não agem e a corja continua’ reforçam o enquadre de negação das *affordances*.

As relações vitais perpassam a analogia, similaridade, representação e propriedade, além da desanalogia (nos exemplos, a desconstrução do país sério e íntegro quando há a confrontação entre os *inputs*).

### c) ‘Castelo de areia’

“CAT ergue maior castelo de areia do mundo – e depois o põe abaixo”  
(<http://www.tecmundo.com.br/curiosidade/69124-cat-ergue-maior-castelo-areia-mundo-poe-video.htm>)



Neste caso, temos um *frame* de construção, em que há as contrapartes areia/castelo; os elementos envolvidos apontam para propriedades essenciais dos *inputs*, com destaque para a gama de elementos de ‘castelo’, que sofrerá modificação quando adjungida à locução adjetiva. A negação das *affordances* ‘moradia’ e ‘alvenaria’ são evidenciadas pela concepção mais global do que seja um castelo de areia: uma construção feita com terra, que não pode abrigar pessoas e tampouco é feita de alvenaria (estrutura de paredes com tijolos e argamassa). O conceito que temos de ‘areia’ nos auxilia na interpretação das *affordances* negadas, uma vez que a composição por grãos e a leveza não são características esperadas de uma construção para se habitar.

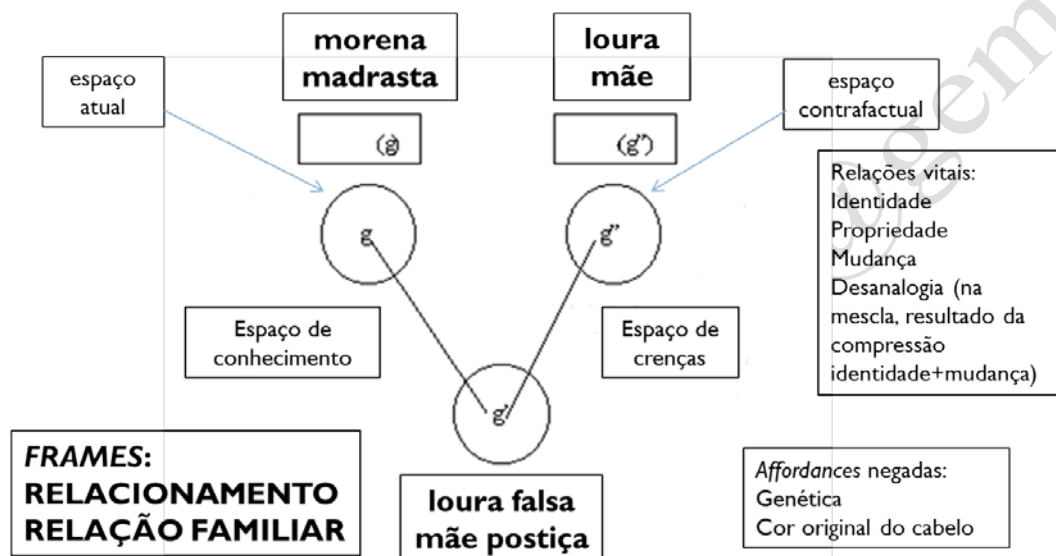
As relações vitais resultantes da compressão são as mesmas observadas nos exemplos anteriores: analogia, similaridade, representação, propriedade e desanalogia.

## d) ‘Loura falsa’ e ‘mãe postiça’

“Conheço uma **loura falsa** / Que era morena”

([http://www.paralerepensar.com.br/paralerepensar/texto.php?id\\_publicacao=2786](http://www.paralerepensar.com.br/paralerepensar/texto.php?id_publicacao=2786))

“(…) cabe à mulher novos papéis, de **mãe postiça** e educadora, quer ela queira ou não.” (<http://www.bolsademulher.com/familia/mae-postica-1/>)



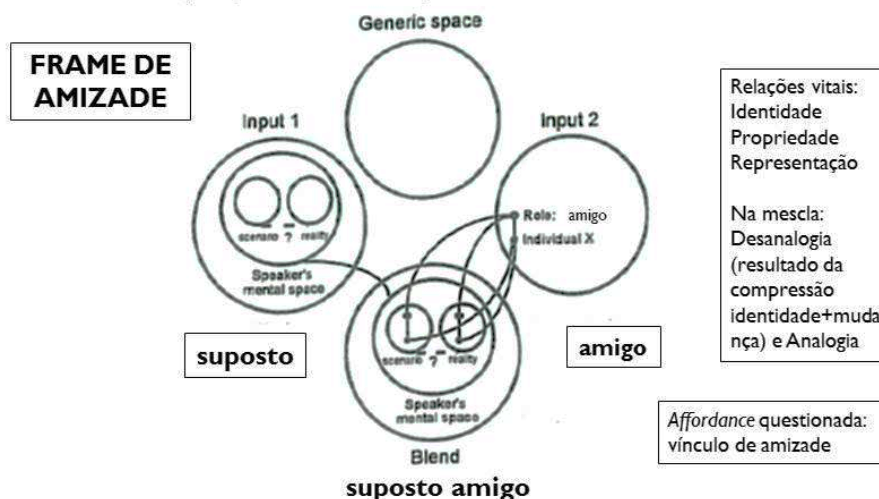
No caso de ‘loura falsa’, temos as contrapartes ‘loura’ (espaço de crenças) e ‘morena’ (espaço de conhecimento), formando uma estrutura emergente no espaço-mescla de negação (não-loura). O frame é de relacionamento, pois há o uso do verbo *conhecer*. A *affordance* negada é a de cor original do cabelo, que reforça as relações vitais ocorridas na compressão: identidade, propriedade, mudança e desanalogia (na mescla).

Em ‘mãe postiça’, temos *frame* de relação familiar; no esquema; os *inputs* se contrapõem da seguinte forma: mãe – afeto/genitora/filho e madrasta/enteado/não-genitora, que resultam em uma função afetiva exercida pela madrasta. Assim, a *affordance* negada (genética) reforça a desanalogia gerada pela compressão identidade+mudança, mais até do que no caso de ‘loura falsa’, uma vez que a ‘mãe postiça’ não guarda identidade nem propriedade física da mãe verdadeira, mas a função que exerce pode ser substitutiva à da mãe real.

## e) ‘Suposto amigo’

“Jovem sitiante sai para dormir em casa de **suposto amigo** e desaparece”

(http://www.rotapolicialnews.com.br/2014/05/12/)



Esquema parcial de mesclagem conceitual (SWEETSER, 1999, p. 152)

Nesse caso, estamos lidando com um esquema de mesclagem um pouco diferente: no espaço-mescla temos a sobreposição de papéis e cenários; o espaço mental que emerge na mescla é o do falante e os cenários de realidade e não-realidade coexistem nesse espaço, já que o que é suposto não possui grau de certeza. Por causa desse tipo de relação, ocorre tanto a desanalogia (o ‘amigo’ pode não ser amigo) quanto a analogia (o ‘amigo’ pode ser mesmo amigo). Dizemos, então, que a *affordance* de ‘vínculo de amizade’ é questionada, gerando uma limiaridade entre o verdadeiro e o falso.

## 7. Considerações

A partir de contextos discursivos retirados de textos da internet, buscamos mostrar o papel das *affordances* no processo de mesclagem conceitual das construções adjetivais privativas. Para tanto, apresentamos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva e de outras ciências cognitivas para enfocarmos tal análise.

Como observado, é inegável a relação *contexto/frame/affordance* para a identificação do tipo de mesclagem conceitual nas construções apresentadas. Em todos os casos observamos que essa tríade torna-se essencial para a compreensão do processo de mescla, do sentido emergente nas construções. Ainda observamos que as relações vitais decorrentes das compressões nas construções analisadas apontam para alguns

elementos em comum, como a desanalogia; a análise de um maior espectro dessas construções pode confirmar se essa relação vital, em especial, é recorrente no processo de modificação adjetival privativa.

Também concordamos com Attardo (2005) no argumento de que a incorporação das *affordances* favorece a visão corporificada do significado, uma vez que um conceito tão caro à percepção visual deve ser levado em conta na atribuição de sentido quando lidamos, principalmente, com construções modificadas mais complexas.

Por último, entendemos que a redefinição do conceito de *affordance* em um aparato socialmente construído é necessária para sua aplicabilidade na análise de construções modificadas privativas, uma vez que o papel do contexto e a questão da experiência são elementos fundamentais na interpretação desse tipo de adjetivo. A adequação de tal conceito no âmbito linguístico deve ser encarada como mais um processo de interface entre as ciências cognitivas.

## Referências

ATTARDO, S. The Role of Affordances at the Semantics/Pragmatics Boundary. In: BARA, G. B., BARSALOU, L.; BUCCIARELLI, M. (eds.) *Proceedings of the CogSci 2005. XXVII Annual Conference of the Cognitive Science Society*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2005. 169-174.

COULSON, S. **Semantic leaps**: frame-shifting and conceptual blending in meaning construction. Cambridge University Press, 2001. **crossref**  
<http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511551352>

EVANS, V. **A glossary of Cognitive Linguistics**. Edinburgh University Press, 2007.

FAUCONNIER, G. **Mental spaces**: aspects of meaning construction in natural language. Cambridge University Press, 1985.

\_\_\_\_\_; TURNER, M. **The way we think**: conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.

\_\_\_\_\_. Conceptual integration networks (Mental spaces). In: GEERAERTS, D. (ed.) **Cognitive Linguistics: Basic Readings**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

FRANKS, B. Sense generation: a “quasi-classical” approach to concepts and concept combination. **Cognitive Science**, 19, p. 441-505, 1995. **crossref**  
[http://dx.doi.org/10.1207/s15516709cog1904\\_2](http://dx.doi.org/10.1207/s15516709cog1904_2)

GIBSON, J.J. **The ecological approach to visual perception**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1986 [1979].

GORNIAC, P.J. **The affordance-based concept**. Tese de doutorado em Filosofia, Massachusetts Institute of Technology, setembro de 2005.

JESUS, D.A. **A flutuação referencial do SN ‘nós’ indeterminado em textos jornalísticos de opinião**. Dissertação (mestrado). UFRJ / FL / Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), 2009.

KAMP, J.A.W. Two theories about adjectives. In: Keenan, E. L. **Formal semantics of natural language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1975. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511897696.011>

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1987. **crossref** <http://dx.doi.org/10.7208/chicago/9780226471013.001.0001>

\_\_\_\_\_; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Mercado de Letras/Educ, 2002.

MENEZES, V.L. Affordances beyond the classroom. In: BENSON, Phil; REINDERS, Hayo. **Beyond the language classroom**. 2011, p. 59-71.

MENUZZI, S.M. **Sobre a modificação adjetival do português**. Dissertação de Mestrado (Linguística), Campinas, UNICAMP, 1992.

NEGRÃO, E. V. ; MÜLLER, A. L.; PEMBERTON, G. M. N. . Adjetivos no português do Brasil: predicados, argumentos ou quantificadores? In: Maria Bernadete M. Abaurre; Angela C. S. Rodrigues. (Org. ). **Gramática do Português Falado: novos estudos descritivos**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002, v. VIII, p. 317-344.

NORMAN. D. **The design of everyday things**. New York: Basic Books, 2002.

PRIA, A. Uma proposta de descrição formal de adjetivos intersectivos, subsectivos e não-predicativos no inglês e no português. **Ícone – Revista de Letras**, São Luís de Montes Belos, v.2, p.16-30, jul. 2008.

SWEETSER, E. Compositionality and blending: semantic composition in a cognitively realistic framework. In **Cognitive Linguistics: Foundations, Scope and Methodology**, eds. Gisela Redeker and Theo Janssen. Berlin: Mouton de Gruyter. pp. 129-162, 1999. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1515/9783110803464.129>

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Artigo recebido em: 25.02.2015

Artigo aprovado em: 06.07.2015